

## 2. As fotografias da sombria casa-museu

A minha mãe, o meu pai, o meu irmão mais velho, a minha avó e os meus tios e tias - morávamos todos em diferentes andares de um mesmo prédio de apartamentos de cinco andares. Até o ano anterior ao meu nascimento, os diversos ramos da família (a exemplo do que ocorria com tantas grandes famílias otomanas) viviam juntos num casarão de pedra; em 1951, alugaram a mansão a uma escola primária particular e construíram no terreno baldio ao lado o edifício moderno que eu conheceria como lar; na fachada, de acordo com o costume da época, afixaram orgulhosos uma placa que dizia ED. PAMUK. Morávamos no quarto andar, mas eu percorria livremente o prédio todo desde o momento em que tive idade suficiente para deixar o colo da minha mãe, e lembro que em cada andar havia pelo menos um piano. Quando o meu último tio solteiro deixou o jornal de lado por tempo suficiente para casar-se e a sua mulher veio morar com ele no apartamento do primeiro andar, de cuja janela haveria de passar o meio século seguinte espiando, ela trouxe consigo o seu piano. Ninguém jamais tocava, nem nesse e nem em nenhum dos outros, e pode ser por isso que eles me deixavam tão triste.

Mas não eram só os pianos que não eram tocados por ninguém; em cada apartamento também havia uma cristaleira trancada exibindo porcelanas chinesas, xícaras de chá, baixelas de prata, açucareiros, caixas de rapé, taças de cristal, ânforas para água de rosas, travessas e incensários que ninguém jamais tocara, embora no meio deles eu às vezes encontrasse esconderijos para os meus carrinhos em miniatura. Havia as escrivatinhas sem uso marchetadas de madrepérola, as prateleiras para turbantes em que não havia turbante algum, e os biombos japoneses e *art nouveau* por trás dos quais nada se escondia. Lá, na biblioteca, juntando poeira por trás das portas de vidro, ficavam os livros de medicina do meu tio médico; nos vinte anos seguintes à sua emigração para os Estados Unidos, mão humana nenhuma tocou neles. Para minha mente de criança, aqueles aposentos estavam mobiliados não para os vivos, mas para os mortos. (De tempos em tempos, uma mesinha de café ou uma arca entalhada desaparecia de uma sala só para reaparecer em outra, num andar

diferente.)

Quando achava que não estávamos sentados com a postura certa nas suas poltronas de forro prateado, a nossa avó chamava a nossa atenção. “Sente-se direito!” Ninguém imaginava as salas como um lugar onde você pudesse se instalar com conforto; elas eram pequenos museus destinados a demonstrar a um visitante hipotético o quanto os donos da casa eram ocidentalizados. Uma pessoa que não estivesse jejuando durante o Ramadã talvez sofresse menos dor na consciência em meio àquelas cristaleiras e pianos mortos do que sentiria caso ainda se sentasse de pernas cruzadas numa sala repleta de almofadas e divãs. E embora todo mundo a reconhecesse como uma libertação das leis do islã, ninguém sabia ao certo para o que mais a ocidentalização podia servir. E assim, não era só nos lares prósperos de Istambul que se viam essas salas que eram verdadeiros museus; ao longo dos cinquenta anos seguintes, era possível encontrar essas sombrias e mal montadas (mas às vezes também poéticas) exposições da influência ocidental nas salas de estar de toda a Turquia; elas só foram sair de moda com a chegada da televisão, na década de 1970. Depois que as pessoas descobriram como era agradável ficar sentadas juntas para assistir ao noticiário da noite, as salas de estar se transformaram de pequenos museus em pequenos cinemas - embora ainda se ouça falar de famílias antigas que preferiram instalar a sua televisão no corredor central das casas, mantendo trancadas as suas salas-museu, que só abrem nos feriados ou para convidados muito especiais.

Como o tráfego entre os vários andares do edifício era tão incessante como fora no casarão otomano, as portas de todos os apartamentos do nosso moderno edifício ficavam normalmente abertas. Depois que o meu irmão entrou para a escola, a minha mãe me deixava subir sozinho ao andar de cima, ou então subíamos juntos a escada para ir visitar a minha avó paterna em sua cama. As cortinas de tule da sua sala estavam sempre fechadas, mas não fazia muita diferença; o edifício ao lado ficava tão perto que de qualquer maneira a sala vivia quase às escuras, especialmente de manhã, de modo que eu me sentava nos tapetes imensos e cuidava de inventar algum jogo para brincar sozinho. Dispondo numa fila obsessivamente perfeita os carrinhos em miniatura que alguém me trouxera da Europa, eu os ia conduzindo um a um para a minha garagem. E então, fazendo de conta que os tapetes eram mares e as poltronas e mesas eram ilhas, eu me catapultava de umas às outras sem nunca tocar a água (da mesma forma como o barão de Calvino passava a sua vida pulando

de árvore em árvore sem nunca pôr os pés no chão). Quando eu me cansava dessas aventuras aéreas ou de cavalgar os braços dos sofás como se fossem montarias (uma brincadeira que pode ter sido inspirada pelas memórias das carruagens puxadas a cavalo de Heybeliada), havia outro jogo que continuei a praticar já adulto, toda vez que eu me entediava: imaginava que o lugar onde estava sentado (este quarto, esta sala, esta sala de aula, este alojamento, este quarto de hospital, esta repartição pública) era na verdade algum outro lugar; e depois que esgotava a minha energia para o devaneio, eu me refugiava nas fotografias que se espalhavam por todas as mesas, escrivaninhas e paredes.

Nunca os tendo visto ser utilizados de outra forma, eu achava que os pianos fossem apoios para a exposição de fotografias. Não havia uma única superfície na sala da minha avó que não estivesse coberta de porta-retratos de todos os tamanhos. Os mais imponentes eram dois retratos imensos pendurados acima da lareira nunca usada. Um era uma fotografia retocada da minha avó, outro a do meu avô, que morreu em 1934. Pela posição das fotos na parede e pelo jeito como os meus avós tinham posado (ligeiramente virados um para o outro, da maneira ainda preferida pelos reis e rainhas da Europa nos selos de correio), qualquer pessoa que entrasse naquela sala de museu e se deparasse com seu olhar altaneiro saberia no mesmo instante que toda a história começara com eles dois.

Os dois eram de uma cidade perto de Manisa, chamada Gördes; sua família era conhecida como Pamuk (algodão) por causa da pele clara e dos cabelos brancos. Minha avó paterna era circassiana (as moças circassianas, famosas pela altura e a beleza, eram muito populares nos haréns otomanos). O pai da minha avó tinha imigrado para a Anatólia durante a guerra russo-otomana (1877-78), instalando-se primeiro em Esmirna (de tempos em tempos eu ouvia falar de uma casa vazia naquela cidade) e mais tarde em Istambul, onde o meu avô estudara engenharia civil. Tendo ganhado muito dinheiro durante o início da década de 1930, quando a recém-fundada República Turca investia muito na abertura de ferrovias, ele construiu uma fábrica imensa, que produzia tudo, desde cordas a uma espécie de cordão usado para secar tabaco; a fábrica ficava às margens do Göksü, um riacho que desaguava no Bósforo. Quando ele morreu em 1934, aos 52 anos, deixou uma fortuna tão grande que o meu pai e o meu tio não conseguiram esgotá-la, a despeito de uma longa sucessão de empreendimentos malsucedidos.

Seguindo para a biblioteca, encontramos grandes retratos da nova geração dispostos

numa simetria bem calculada ao longo das paredes; pelo seu colorido pastel, podemos deduzir que foram obra do mesmo fotógrafo. Na parede do fundo figura o meu gordo mas robusto tio Özhan, que foi estudar medicina nos Estados Unidos sem antes fazer o serviço militar e que por isso nunca pôde voltar para a Turquia, permitindo assim que a minha avó passasse o resto da sua vida ostentando ares de luto. Lá está o seu irmão de óculos, Aydın, que morava no térreo. Como o meu pai, estudou engenharia civil e passou a maior parte da vida envolvido em grandes projetos de construção que nunca chegavam a decolar completamente. Na quarta parede fica a irmã do meu pai, que passou muito tempo em Paris estudando piano. Seu marido era professor na faculdade de direito e eles moravam no apartamento da cobertura, para o qual eu me mudaria muitos anos depois e onde me encontro agora, escrevendo este livro.

Deixando a biblioteca e voltando à sala principal do museu, fazendo uma rápida parada ao lado dos abajures de cristal que só aumentavam a penumbra reinante, encontramos uma infinidade de fotografias preto-e-branco sem retoque que nos contam que a vida se acelera. Aqui vemos todos os filhos posando nos seus noivados, nos seus casamentos e em outras ocasiões momentosas das suas vidas. Ao lado das primeiras fotografias coloridas que meu tio mandou dos Estados Unidos podem-se ver instantâneos do restante da família fazendo refeições festivas em vários parques, na praça Taksim e às margens do Bósforo; junto a uma foto que mostra o meu irmão e eu com os nossos pais num casamento, há uma do meu avô, posando com o seu carro novo no jardim da casa velha, e outra do meu tio, posando com o seu carro novo junto à entrada do Edifício Pamuk. Além de ocasiões extraordinárias como o dia em que a minha avó removeu a foto da primeira mulher do meu tio americano e a substituiu por uma foto da segunda, prevalecia sempre o antigo protocolo: depois que assumia seu lugar no museu, uma fotografia nunca era deslocada; embora eu tenha contemplado cada uma delas centenas de vezes, jamais conseguia entrar naquela sala abarrotada sem examinar de novo todas elas.

Meu estudo prolongado dessas fotografias levou-me à consciência do quanto era importante preservar certos momentos para a posteridade, e com o tempo também acabei percebendo a influência poderosa que aquelas cenas emolduradas exerciam sobre nós enquanto nos entregávamos à nossa vida cotidiana. Ao ver o meu tio propor um problema de matemática ao meu irmão ao mesmo tempo que o via numa fotografia tirada 32 anos

antes; ao ver o meu pai percorrer o jornal e tentar, com um meio-sorriso, captar o final de uma piada que se transmitia pela sala lotada, e exatamente no mesmo momento ver uma foto dele aos cinco anos de idade - a minha idade - com os cabelos compridos como os de uma garota, parecia-me óbvio que a minha avó emoldurara e congelara aquelas memórias para que pudéssemos entremeá-las ao presente. Quando, no tom geralmente reservado para discursos sobre o nascimento de uma nação, a minha avó falava do meu avô, que morrera tão jovem, e apontava para os porta-retratos nas mesas e nas paredes, ela dava a impressão de - como eu - ser puxada em duas direções ao mesmo tempo, querendo seguir adiante com a sua vida mas também desejosa de preservar o momento de perfeição, saboreando o rotineiro mas também honrando o ideal. Todavia, no mesmo momento em que eu ponderava sobre esses dilemas - se você colhe um momento especial da vida e o emoldura, está desafiando a morte, o declínio e a passagem do tempo ou submetendo-se a eles? -, eles me enchiam de tédio.

Com o tempo, acabei tomando horror àqueles longos almoços festivos, àqueles intermináveis celebrações noturnas, àqueles festas de ano-novo em que toda a família continuava presente depois de comer para jogar víspora; todo ano eu jurava que aquela seria a última vez, mas de algum modo jamais conseguia quebrar o costume. Quando eu era pequeno, porém, adorava esses repastos. Enquanto acompanhava a troca rápida de piadas de um lado a outro da mesa lotada, os meus tios rindo (sob o efeito da vodka ou do *raki*) e a minha avó sorrindo (sob o efeito do único copinho de cerveja que se permitia), não tinha como deixar de perceber o quanto a vida era mais divertida fora dos porta-retratos. Sentia a segurança de pertencer a uma família grande e feliz, e podia me refestelar na ilusão de que havíamos sido postos na Terra para o nosso prazer. Não que eu ignorasse que aqueles meus parentes que eram capazes de rir, jantar e fazer piada juntos nos feriados também eram impiedosos e implacáveis nas disputas por dinheiro e propriedades. Sozinhos, na privacidade do nosso apartamento, a minha mãe sempre se queixava com o meu irmão e eu das crueldades “da sua tia”, “do seu tio”, “da sua avó”. Sempre que ocorria algum desentendimento sobre quem era o proprietário do quê, ou como se deviam dividir as ações da fábrica de cordas, ou quem iria morar em qual andar do edifício, a única certeza é que nunca se chegaria a uma boa solução. Esses bate-bocas podiam dar trégua nas refeições festivas, mas desde muito novo eu tinha consciência de que, por trás de toda aquela alegria,

havia uma pilha cada vez mais alta de contas a acertar, e um mar de recriminações.

Cada ramo da nossa vasta família tinha sua própria empregada doméstica, e todas as empregadas consideravam-se no dever de tomar partido nas guerras. Esma Hanım, que trabalhava para a minha mãe, às vezes visitava İkbâl, que trabalhava para a minha tia. Mais tarde, no café-da-manhã, a minha mãe diria, “Sabem o que Aydıñ anda dizendo?”.

Meu pai sempre ficava curioso, mas quando a história acabava dizia apenas, “Pelo amor de Deus, pare de se preocupar com isso”, e voltava ao seu jornal.

Se eu era novo demais para entender a causa subjacente a essas disputas - o fato de que a minha família, que ainda vivia como nos tempos do casarão otomano, se desfazia aos poucos -, não tinha como deixar de notar as bancarrota do meu pai e as suas ausências cada vez mais freqüentes. Ouvia em mais detalhe o quanto as coisas estavam mal sempre que a minha mãe levava o meu irmão e eu em visita à minha outra avó e à sua casa assolada por fantasmas em Sisli. Enquanto meu irmão e eu brincávamos, a minha mãe reclamava e a minha avó recomendava paciência. Com medo talvez de que a minha mãe pudesse querer voltar para aquela casa empoeirada de três andares, a minha avó, que a essa altura morava sozinha, sempre atraía a nossa atenção para os seus muitos defeitos.

Além de ocasionais manifestações de destempero, meu pai tinha pouco motivo de queixa; extraía um deleite infantil da sua boa aparência, da sua inteligência e da boa sorte que jamais tentava esconder. Por dentro, estava sempre assobiando, inspecionando o seu reflexo no espelho, esfregando uma fatia de limão no cabelo, como se fosse brilhantina. Adorava piadas, jogos de palavras, surpresas, recitar poesia, exibir sua inteligência, tomar aviões para lugares distantes. Nunca foi o tipo de pai que repreende, proíbe ou castiga. Quando saía conosco, andávamos por toda a cidade, fazendo amigos por onde passávamos; foi durante essas excursões que comecei a achar que o mundo era um lugar criado para o nosso prazer.

Se o mal se insinuava, ou o tédio queria se abater, a resposta do meu pai era dar-lhes as costas e ficar em silêncio. A minha mãe, que fixava as regras, era quem erguia as sobrancelhas e nos instruía sobre o lado sombrio da vida. Se ela era uma companhia menos divertida, eu contava muito com o seu amor e a sua atenção, pois ela nos dedicava muito mais tempo do que o nosso pai, que aproveitava qualquer oportunidade para fugir do apartamento. A lição mais dura que aprendi na vida foi descobrir que estava numa

competição com o meu irmão pelo carinho da minha mãe.

Talvez tenha sido porque o meu pai exercia tão pouca autoridade que as minhas relações com o meu irmão assumiram a importância que acabaram tendo. Ele era o rival pelo amor da minha mãe. Como nós obviamente não sabíamos nada de psicologia, a guerra se apresentou como uma brincadeira num primeiro momento, e nela nós dois fingíamos ser outras pessoas. Quem estava empenhado num combate mortal não eram Orhan e Sevet, mas o meu herói ou jogador de futebol favorito contra o do meu irmão. Convencidos de que nos tínhamos transformado nos nossos heróis, entrávamos com tudo na brincadeira; e sempre que ela acabava em sangue e lágrimas, a raiva e o ciúme nos faziam esquecer que éramos irmãos.

Sempre que eu ficava abatido, sempre que me sentia infeliz ou entediado, deixava o nosso apartamento sem dizer nada a ninguém e ia brincar com os filhos da minha tia no andar de baixo ou, com mais frequência, subia para a casa da minha avó. Embora todos os apartamentos fossem muito semelhantes, com as suas poltronas e os seus conjuntos de sala de jantar, cada um deles me parecia um outro país, um universo à parte. E em meio à penumbra abarrotada da sala da minha avó, especialmente à sombra das suas mesinhas de centro e das suas cristaleiras, dos seus vasos e fotografias emolduradas, eu podia sonhar que estava em algum outro lugar.

Às noites, quando a família toda se reunia naquela sala, eu muitas vezes me entregava a uma brincadeira na qual o apartamento da minha avó se transformava na ponte de comando de um grande navio. Essa fantasia devia muito ao tráfego marítimo através do Bósforo, àqueles apitos tristonhos que invadiam os meus sonhos enquanto eu dormia. Enquanto eu pilotava minha nau imaginária em meio à tempestade, minha tripulação e os meus passageiros cada vez mais assustados com as ondas que se erguiam, eu sentia o orgulho do capitão consciente de que o nosso navio, a nossa família - o nosso destino -, estava nas minhas mãos.

Embora as histórias em quadrinhos de aventura do meu irmão possam ter inspirado esse sonho, também havia a influência dos meus pensamentos acerca de Deus. Deus escolhera não nos prender ao destino da cidade, achava eu, simplesmente porque éramos ricos. Mas à medida que o meu pai e o meu tio iam tropeçando de falência em falência, à medida que a nossa fortuna escasseava, nossa família se desintegrava e as disputas por

dinheiro ficavam mais intensas, cada visita ao apartamento da minha avó se tornava um sofrimento e me levava um passo mais perto de uma conclusão: estava demorando, estava chegando por um caminho tortuoso, mas a nuvem de luto e perda que tomara conta de Istambul a partir da queda do Império Otomano finalmente atingira também a minha família.